

A composicionalidade semântica dos diminutivos da fala infantil

The semantic compositionality of diminutives of children's speech

Marcela Nunes Costa¹

Universidade de São Paulo, Brasil

RESUMO

O artigo tem como objetivos descrever a emergência de diminutivos composicionais e não composicionais na fala infantil (FI) e discutir a composicionalidade semântica como uma variável importante para a investigação da emergência de morfologia derivacional. Investiga-se se a FI apresenta padrões semelhantes aos da fala adulta direcionada à criança (FDC). São descritos os diminutivos registrados em transcrições da fala espontânea de seis crianças entre um e quatro anos de idade e dos adultos que com elas interagem. Propõe-se que a composicionalidade semântica não é suficiente para explicar o comportamento da emergência de diminutivos no *corpus* e que deve ser associada à transparência formal e à produtividade desse processo derivacional para a investigação da FI. As categorias semânticas identificadas (tamanho, afetividade e gradação), ainda que previstas translinguisticamente, são limitadas pelas circunstâncias de construção do *corpus* sob investigação.

PALAVRAS-CHAVE:

Composicionalidade semântica. Morfologia. Diminutivos. Fala infantil.

ABSTRACT

The article aims to describe the emergence of semantic compositionality in children's speech (CS) based on the observation of the first diminutive formations and to discuss semantic compositionality as an important variable for investigating the emergence of derivational morphology. It is investigated if CS presents similar patterns to child directed speech (CDS). The diminutives recorded in transcriptions of the spontaneous speech of six children between one and four years of age and the adults who interact with them are described. It is proposed that semantic compositionality is not sufficient to explain the behavior of the emergence of diminutives in the *corpus* and must be associated with the formal transparency and productivity of this derivational process for the investigation of FI. The semantic categories identified (size, affection and gradation), although predicted cross-linguistically, are limited by the circumstances of the construction of the *corpus* under investigation.

KEYWORDS:

Semantic compositionality. Morphology. Diminutives. Children's Speech.

Recebido em: 19/08/2024

Aceito em: 09/12/2024

¹ E-mail: marcelancosta@usp.br | ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5073-9634>

1. Introdução

A morfologia de diminutivo no português brasileiro (doravante, PB) foi alvo de pesquisas de variadas perspectivas teóricas e metodológicas, enfocando, principalmente, dados de língua adulta. Desse modo, há vasta literatura que discute as características desse fenômeno e formaliza propostas para temas como a (in)dependência de *-inh-* e *-zinh-* (cf. Villalva, 1994; Bisol, 2010; Bassani; Costa, 2024; Costa, 2022) e a interação entre os diminutivos e as marcas de gênero e número (cf. Armelin, 2015).

Por outro lado, a aquisição e a emergência da morfologia de diminutivo na fala infantil (daqui em diante, FI) do PB não foi amplamente explorada (cf. Costa, 2022), ainda que o uso de diminutivos seja reconhecidamente (i) uma das principais características associadas à FI, como mostram pesquisas em *corpora* (cf. Gomes; Barbosa, 2014), e à fala adulta direcionada à criança (daqui em diante, FDC); (ii) que sejam ou estejam entre os primeiros morfemas derivacionais a emergirem na FI, como apontam trabalhos sobre línguas europeias (cf. Melzi; King, 2003; Marrero; Aguirre; Albalá, 2007); (iii) e que sejam considerados importantes para a aquisição tanto de primeira quanto de segunda línguas, seja para crianças ou para adultos, pois seu processo de formação regulariza aspectos irregulares de línguas como o alemão e o russo.

Especificamente sobre a FDC, Kempe, Brooks e Gillis (2007, p. 320) afirmam que:

[...] faz sentido semântico usar diminutivos na FDC uma vez que eles são apropriados para ajustar os significados das palavras ao mundo menor da criança. De fato, uma análise da semântica dos diminutivos em mais de 80 línguas identificou a relação com a criança como o significado central da derivação diminutiva (Jurafsky 1996) (Kempe; Brooks; Gillis, 2007, p. 320 – tradução nossa).²

No PB, além de emergirem bastante cedo na FI, como mostra o estudo realizado por Costa (2022), os diminutivos apresentam características que os distinguem de outros morfemas derivacionais, como a possibilidade de concatenação a diferentes categorias morfossintáticas e as diferentes semânticas a eles atribuídas. Tais fatos estão diretamente relacionados à sua alta frequência e produtividade.

² No original: “[...] it makes semantic sense to use diminutives in CDS as they are well suited to adjust the meanings of words to the smaller world of the child. Indeed, an analysis of the semantics of diminutives in over 80 languages has identified child-relatedness as the core meaning of the diminutive derivation (Jurafsky, 1996)” (Kempe; Brooks; Gillis, 2007, p. 320).

A fim de contribuir para esse quadro, o presente artigo descreve a coleta e a catalogação de diminutivos realizadas a partir de dados longitudinais da fala de seis crianças e dos adultos que com elas interagem, os quais fazem parte do Corpus Santos (LEAL-USP), que foi coletado entre 1999 e 2011 pela Prof.^a Dr.^a Raquel Santana Santos da Universidade de São Paulo (USP).³ Dentre as múltiplas possibilidades de análise desse fenômeno linguístico no PB, objetiva-se: (i) discutir a composicionalidade semântica dos diminutivos emergentes da FI, cotejando a hipótese de que as formações diminutivas composicionais são as primeiras a emergir devido, principalmente, à transparência morfológica; (ii) discutir a composicionalidade semântica como um parâmetro importante para a emergência de morfologia derivacional. Para alcançar os dois objetivos, serão observados os dados de FDC para o mapeamento dos principais padrões de composicionalidade semântica no *input* infantil e para a comparação com a FI.

O artigo está organizado em cinco seções, incluindo esta Introdução, das quais a segunda apresenta a discussão sobre composicionalidade semântica dos diminutivos e as semânticas dos diminutivos do PB, a terceira informa sobre a metodologia empregada para a construção do *corpus* linguístico utilizado neste estudo e descreve os diminutivos da FI e da FDC, a quarta desenvolve considerações sobre os resultados obtidos e a quinta traz as considerações finais.

2. A composicionalidade semântica dos diminutivos

A literatura linguística atribui diversas possibilidades semânticas aos diminutivos das línguas do mundo e algumas tentativas já foram realizadas para estipular qual é a semântica subjacente desses morfemas. O estudo de Jurafsky (1996), que explorou tanto sincrônica quanto diacronicamente as semânticas dos diminutivos em mais de 60 línguas a partir de um modelo radial de categorização (com base em Lakoff (1987)), traça universais semânticos para as funções do diminutivo e, a partir disso, indica relações semânticas ou pragmáticas com a noção de ‘criança’.

Ainda que os resultados de Jurafsky (1996) indiquem ‘criança’ como o significado central para o uso de diminutivos, em línguas como o PB eles adquirem semântica bastante colorida e

³ A pesquisa se deu em colaboração entre o Laboratório de Estudos em Aquisição de Linguagem da Universidade de São Paulo da Universidade de São Paulo e o Laboratório de Linguagem e Cognição, no âmbito do Projeto de Formação do Banco de Dados de Linguagem Infantil para o estudo da morfologia e do léxico e integração ao Consórcio de Dados de Fala Infantil (FAPESP – processo nº 2021/08760-0), sob coordenação de Prof.^a Dr.^a Indaiá de Santana Bassani. Ainda, obteve parecer favorável no Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de São Paulo (CAAE: 51295621.0.0000.5505).

podem, além do significado de tamanho, ser empregados apenas com semântica avaliativa, que transita entre a afeição e a pejoratividade.

Para o português europeu (PE), Villalva (1994) descreve as semânticas relacionadas aos avaliativos⁴ a partir da categoria morfossintática da base: para os nomes, as semânticas se relacionam à noção de aumento ou diminuição de dimensões e avaliação valorativa ou pejorativa; para os adjetivos e advérbios, por serem graduáveis, as semânticas se relacionam à intensificação ou atenuação de características e à avaliação valorativa ou pejorativa (cf. (1)).

(1) As semânticas dos avaliativos com base em Villalva (1994)

- | | | | |
|----|---------------------|------------------------|-----------------------------|
| a. | cama _n | caminha _n | diminuição ou avaliação |
| b. | novo _{adj} | novinho _{adj} | intensificação ou avaliação |
| c. | cedo _{adv} | cedinho _{adv} | intensificação ou avaliação |

As semânticas resultantes da sufixação diminutiva nas produções infantis do *corpus* sob investigação seguem, de forma geral, as descrições da literatura. No entanto, algumas formações foram classificadas como ambíguas porque o contexto sintático de produção não forneceu pistas que levassem a uma categorização precisa. Alguns contextos de produção das crianças são exemplificados em (2), seguidos da classificação semântica atribuída aos diminutivos no *corpus*.

(2) As semânticas dos diminutivos do *corpus*

- a. *CHI: cadê o meu *carrinho_n pequenininho_{adj}*, assim? (Leo., 2;07.22) – diminuição e avaliação
- b. *CHI: e daí ela começo(u) é estraga(r) é a minha caneta *novinha_{adj}* que eu ganhei. (Lua., 3;11.12) – intensificação
- c. *MOT: assim se puxa(r) assim de novo vai estraga(r) de novo.
*CHI: mas eu puxei *devaga(r)zinho_{adv}*. (Mar., 2;09.24) – atenuação
- d. *CHI: tem que se(r) até misturado até fica(r)[/] fica(r)[/] *amarelinho_{adj}*. (M. E., 4;02.07) – ambíguo entre avaliação e intensificação ou amenização

Para estabelecer os limites do que nos propomos a descrever, deve-se esclarecer o que se

⁴ Além dos sufixos de diminutivo, Villalva (1994) trata de vários outros sufixos do português, por isso a utilização de “avaliativos” se refere de forma mais ampla aos sufixos que podem apresentar alguma expressividade no português europeu.

entende por composicionalidade semântica, especialmente a aplicada aos diminutivos. A princípio, recorre-se à noção de composicionalidade como descrita em Bassani (2015), segundo a qual:

Uma palavra derivada completamente transparente e composicional é aquela em que se pode reconhecer formal e funcionalmente tanto a contribuição individual de cada afixo quanto a da base ou raiz. Por isso, o resultado (morfológico e semântico) da combinação é previsível a partir das partes componentes (BASSANI, 2015, p. 110).

A partir dessa definição, é importante estabelecer a distinção entre composicionalidade semântica e transparência morfológica (formal). Em uma palavra complexa morfolologicamente transparente, é possível reconhecer uma base ou uma raiz e os diferentes morfemas que a compõem. Há casos em que a palavra complexa perdeu transparência morfológica historicamente e se tornou uma palavra simples, como no par *agredir* e *regredir*, em que a transparência formal só pode ser recuperada diacronicamente e, por isso, as raízes são consideradas morfolologicamente opacas.

Por outro lado, em uma palavra complexa composicional, é possível prever a contribuição semântica das partes que a compõem, como em *bol-inh-a*, que é semanticamente composicional porque é possível reconhecer, no mínimo, a contribuição semântica da raiz e do morfema de diminutivo. Bassani e Costa (2024), que apresentam indicativos linguísticos para aferir a composicionalidade semântica, esclarecem que “[a] transparência formal favorece a composicionalidade semântica, mas não a implica necessariamente” (p. 15), isto é, uma palavra pode ser formalmente transparente e ainda assim apresentar um significado que não pode ser previsto a partir das partes, como é o caso de *amarelinha*, cuja leitura idiossincrática indica um jogo infantil que em nada se relaciona à cor amarela.

Aplicando essas definições aos diminutivos do PB, reconhecem-se como composicionais aqueles em que o emprego de *-inh-* ou *-zinh-* permite identificar as partes que compõem o significado global da palavra, como é o caso de *mesinha*, em que a raiz VMES e o morfema *-inh-* contribuem para o significado de ‘mesa pequena’. O mesmo pode ser visto para os exemplos em (1), tomados de forma isolada, sem contexto sintático, que após a concatenação do morfema de diminutivo resultam em formações do tipo ‘x pequeno’, a mais geralmente associada ao uso de diminutivos:

(3) Diminutivos composicionais

a.	cama	cam-inh-a	cama pequena
b.	carro	carr-inh-o	carro pequeno
c.	dente	dent-inh-o	dente pequeno

De modo contrário, quando não se pode atribuir o significado global às partes que compõem uma palavra, reconhece-se ser um caso de não composicionalidade, como em *joaninha*, em que o significado de ‘inseto vermelho com pintas pretas’ não pode ser depreendido de uma possível raiz *vJOAN* que recebe a concatenação de um morfema de diminutivo *-inh-* e de uma vogal temática nominal *-a*. Assim, a semântica não composicional é descrita como idiossincrática, pois não é uma computação dos significados das partes, mas uma atribuição de significado imprevisível. São exemplos de não composicionalidade semântica no PB os dados em (2).

(4) Diminutivos não composicionais

a.	*golfo	golf-inh-o	animal cetáceo
b.	amarela	amarel-inh-a	jogo infantil
c.	armário	armar-inh-o	loja de aviamentos

Em (2)a, é importante notar que *golfo*, sem o diminutivo, não corresponde à semântica final indicada na terceira coluna, de ‘animal cetáceo’, ainda que seja uma palavra do PB. Por isso, a semântica de *golfinho* é imprevisível a partir de suas partes. Em (2)b-c, tanto *amarela* quanto *armário*, quando acrescidos do morfema de diminutivo, adquirem semântica imprevisível, ainda que seja possível associar a elas semânticas composicionais de ‘amarelo claro’ e ‘armário pequeno’, respectivamente. O que os dados em (2) mostram é que, ainda que haja transparência morfológica, ou seja, ainda que seja possível segmentar a palavra complexa em partes menores, nem sempre o resultado semântico estará diretamente ligado à soma dos significados de cada uma delas, o que se convencionou chamar de semântica não composicional.

No entanto, quando se considera a fala em uso, como é o caso de estudos longitudinais da FI, essa dicotomia nem sempre é suficiente para estabelecer a composicionalidade semântica de formas complexas e os limites entre composicional e não composicional se tornam um pouco

menos claros. Em (3) há exemplos de formas complexas que guardam características tanto composicionais quanto não composicionais.

- | | | | |
|-----|--|--------------|-------------------------------------|
| (5) | Diminutivos de composicionalidade questionável | | |
| a. | peixe | peix-inh-o | planta alimentícia não convencional |
| b. | azedo | azed-inh-a | planta alimentícia não convencional |
| c. | amarela | amarel-inh-a | camisa da seleção brasileira |

Os exemplos em (3)a-b, apesar de terem a mesma semântica resultante na terceira coluna, apontam para duas plantas distintas. A primeira ((3)a) é também conhecida como ‘peixinho da horta’ e recebe esse nome porque seu sabor se assemelha ao de peixe frito, de forma que é possível recuperar, com algum esforço explicativo, a semântica da raiz VPEIX- ainda que não se trate, de fato, de um peixe. A formação também pode ser interpretada como de semântica não composicional porque não há uma contribuição clara do morfema de diminutivo para o significado final. A segunda planta ((3)b) recebe esse nome por um processo metonímico, bastante descritivo, pois tem sabor azedo; portanto, a qualidade é utilizada para nomear o objeto. Do mesmo modo que (3)a, (3)b pode ser interpretada como não composicional porque não é clara a contribuição do morfema de diminutivo para sua semântica final.⁵ Por fim, (3)c é um caso em que a semântica da raiz VAMAREL- pode ser recuperada pelo objeto designado pela forma complexa, pois a camisa da seleção brasileira de futebol é, de fato, amarela. Neste caso, pode-se supor que a semântica do morfema de diminutivo, ao invés de se referir a uma diminuição de dimensão, carrega expressividade afetiva, de forma que sua possível contribuição é a de denotar a afetividade dos brasileiros pela camisa da seleção.

Como foi demonstrado, há casos em que a oposição entre composicional e não composicional não é suficiente para explicar a composicionalidade semântica de palavras complexas. No entanto, não é do interesse do trabalho solucionar objetivamente as dificuldades de conceituação da noção de composicionalidade semântica como tem sido posta pela literatura, de forma que assumimos para a classificação dos dados, considerando os limites impostos pelos julgamentos de uma pesquisadora e de seu grupo de pesquisa, a definição de Bassani (2015),

⁵ É possível propor que tanto no caso de *peixinho* quanto no de *azedinha* o morfema diminutivo contribui para as semânticas de afetividade e de intensificação, respectivamente. No entanto, para o resultado semântico final da formação, não é possível precisar se essas semânticas do diminutivo têm permeabilidade, uma vez que o significado de planta alimentícia não convencional não depende necessariamente da semântica do morfema diminutivo, como é o caso, por exemplo, das plantas *almeirão de árvore* e *cará-do-ar*.

apresentada no início desta seção, e reservamos para trabalhos futuros a caracterização mais detalhada dos pormenores da composicionalidade semântica.⁶

3. Metodologia e descrição dos dados do *corpus*

A construção do *corpus* da pesquisa se deu a partir das transcrições das sessões de gravação da interação das seis crianças-alvo com seus familiares adultos e crianças. As sessões tiveram periodicidade semanal e duração aproximada de 30 minutos. Os participantes das gravações tiveram seus nomes anonimizados por pseudônimos e suas informações pessoais foram censuradas nas transcrições dos áudios. Os dados referentes às produções de diminutivo foram selecionados através do *software* AntConc (Anthony, 2019), em sua versão 3.5.8, e catalogados em planilhas Excel de acordo com rótulos de identificação e os tópicos morfológicos, morfossintáticos e semânticos relevantes para a pesquisa de Costa (2022), entre eles, a composicionalidade semântica e as categorias semânticas dos diminutivos.

As transcrições selecionadas para a pesquisa compreendem a faixa de um a quatro anos de idade de quatro informantes meninos e duas informantes meninas, totalizando 324 transcrições analisadas. A Tabela 1 sistematiza essas informações.

Tabela 1 - Número de transcrições por criança no *corpus*

Criança	Nº de sessões	Faixa etária
Leonardo	32	2;00.14 – 4;08.27
Luana	124	1;07.05 – 5;00.02
Marcos	42	2;02.02 – 3;05.26
Maria Eliza	38	1;08.13 – 4;02.07
Miguel	65	1;07.13 – 4;04.29
Túlio	23	2;00.07 – 2;11.26
Total	324	

Fonte: Costa (2022, p. 65)

⁶ Bassani e Costa (2024) têm por objetivo esclarecer os limites entre composicionalidade semântica e transparência formal (morfológica) e propor testes linguísticos que auxiliem a delimitação entre as leituras composicional e não composicional. Costa (em preparação), tem por objetivo motivar uma conceitualização de composicionalidade semântica em termos de um *continuum*, ao invés de uma dicotomia, e implementar a proposta em um modelo teórico não lexicalista.

Ao todo, duas categorias de composicionalidade (composicional ou não composicional) e quatro categorias semânticas (afetividade, gradação, tamanho e ambíguo) foram identificadas.⁷ Como anteriormente introduzido, a variável semântica apresentou-se como particularmente desafiadora para o desenvolvimento da pesquisa, pois nem sempre a semântica resultante da concatenação de diminutivo estava acessível pelo contexto morfológico e até mesmo pelo contexto sintático da produção. No entanto, neste trabalho, são priorizados os dados em que foi possível ter certa confiança do enquadramento nas categorias semânticas de afetividade, gradação e tamanho.

Os mesmos passos metodológicos serviram para a seleção e a catalogação dos dados da fala adulta, os quais foram separados, ainda, entre fala direcionada à criança e fala não direcionada à criança. Os dados das crianças irmãs das crianças-alvo da pesquisa foram catalogados em planilhas separadas, de modo que não estão incorporados aos dados do *input*.

A Tabela 2 descreve a distribuição de dados composicionais e não composicionais na FI. Foi observada uma discrepância na produção de diminutivos composicionais e não composicionais no *corpus*: dos 447 *types*⁸ registrados na FI, 431 são composicionais e apenas 16 são não composicionais. A partir desse resultado, foi investigado se há precedência de uma das possibilidades semânticas de composicionalidade nos diminutivos emergentes na FI.

Tabela 2 - A composicionalidade semântica dos diminutivos da FI (*types*)

Composicional	Não composicional	Total
431 (96,42%)	16 (3,57%)	447 (100%)

Fonte: Elaboração própria

A Tabela 3 mostra que todas as primeiras produções de diminutivos da FI registradas no *corpus* são composicionais e que para metade das crianças (Leonardo, Luana e Marcos) o registro da emergência de diminutivos não composicionais ocorre meses depois das primeiras formas não composicionais. Para outras duas crianças, diminutivos composicionais e não composicionais

⁷ A semântica de pejoratividade, bastante comum nos usos dos diminutivos, não foi encontrada no *corpus* analisado. A ausência dessa categoria semântica nos dados pode ser justificada, por hipótese, pela natureza de fala direcionada à criança das situações de interação registradas no *corpus*.

⁸ *Types* são as ocorrências individuais das formas em um *corpus*. Por exemplo, as crianças produziram *bolinha* mais de uma vez nas sessões de gravação, mas o item *bolinha* é registrado apenas uma vez para a contagem de *types*. Por outro lado, na contagem de *tokens*, todas as ocorrências de uma forma no *corpus* são contabilizadas. Por exemplo, as crianças produziram 40 repetições do *type bolinha* no *corpus*, o que resulta em 40 *tokens* de *bolinha* para a contagem geral.

ocorrem na mesma sessão de gravação (Miguel) ou os não composicionais ocorrem pouco tempo depois da primeira produção composicional (Maria Eliza). No caso de Túlio, foram registrados apenas diminutivos composicionais ao longo de todas as transcrições das sessões de gravação.

Tabela 3 - As primeiras produções diminutivas do *corpus* - composicionalidade e idade de emergência

Criança	Composicional	Idade	Não composicional	Idade
Leonardo	pequeninho	2;00.14	massinha	3;08.08
Luana	menininho	1;07.05	calcinha	2;06.26
Marcos	paninho	2;02.02	bolo de chuvinha	2;05.07
Maria Eliza	ovinho	1;08.24	massinha	1;09.12
Miguel	vaquinha	1;07.13	salgadinho	1;07.13
Túlio	passarinho	2;00.07	-	-

Fonte: Costa (2022, p. 79)

É importante ressaltar que os resultados apresentados na Tabela 3 desconsideram diminutivos produzidos por meio de repetição da fala adulta. Ou seja, foram desconsideradas as produções composicionais e não composicionais da FI que eram repetições imediatas ou tardias da fala adulta da mesma sessão de gravação para que apenas as produções espontâneas fossem entendidas como evidências da emergência da morfologia de diminutivo na FI.⁹

A Tabela 4 mostra que o padrão de distribuição de composicionalidade semântica dos dados da FDC é bastante semelhante ao da FI: os diminutivos composicionais são a maior parte dos dados e os não composicionais representam pouco mais de 2% do total.

Tabela 4 - A composicionalidade semântica dos diminutivos da FDC (*types*)

Composicionais	Não composicionais	Total
791 (97,89%)	17 (2,10%)	808 (100%)

Fonte: Elaboração própria

⁹ Um avaliador anônimo chama a atenção para a falta da discussão sobre como a produção de diminutivos pelas crianças foi influenciada pela produção de diminutivos dos adultos, a partir da repetição. Não foram incluídos os dados de repetição entre as discussões do artigo porque o objetivo da construção do *corpus* foi o mapeamento da emergência dos diminutivos na fala infantil. Assim, as repetições não estão contempladas porque não são informativas sobre como a composicionalidade semântica e os valores semânticos, no caso específico do desenvolvimento deste artigo, emergem na fala infantil do *corpus*.

Chama a atenção que o número de diminutivos não composicionais da FDC seja tão próximo dos 16 da FI, por isso eles são reproduzidos abaixo. Os dados que não se repetem entre FI e FDC estão sublinhados.

(6) Diminutivos não composicionais da FI (*types*)

amarelinha (jogo), baixinho, bolo de chuvinha, calcinha, canetinha, (maria) chiquinha, coxinha, figurinha, geladinho, joaninha, massinha, mindinho, parquinho, salgadinho, toucinho, varinha.

(7) Diminutivos não composicionais da FDC (*types*)

abobrinha, agarradinho, amarelinha (jogo), calcinha, canetinha, carrinho (de feira), (maria) chiquinha, coxinha, figurinha, geladinho, joaninha, massinha, mindinho, parquinho, salgadinho, toucinho, varinha.

Como pode ser visto, os diminutivos não composicionais de adultos e crianças são bastante semelhantes: há 14 dados comuns aos dois grupos e cinco exclusivos a um dos grupos. Esses dados permitem assumir que (i) a produção de diminutivos não composicionais é bastante mais restrita que a de diminutivos composicionais, independentemente do grupo considerado, mas que (ii) é possível identificar na FI pelo menos um dado que não se originou da repetição da FDC (*bolo de chuvinha*) e que difere da forma alvo esperada (*bolinho de chuva*), o que demonstra tanto a criatividade quanto a consciência morfológica da criança para a formação de diminutivos. Não se pode excluir a possibilidade de que os outros dados exclusivos da FI tenham sido usados com alguma frequência pelos adultos fora do contexto de gravação do *corpus*, uma vez que os não composicionais não parecem ser intuitivamente adquiridos.

A Tabela 5 mostra a distribuição das formas diminutivas produzidas pelas crianças do *corpus* em faixas etárias com intervalos de seis meses. É possível observar que os valores não seguem um padrão estável de aumento de formas composicionais ou não composicionais, o que pode ser explicado tanto pela natureza longitudinal e naturalística dos dados quanto pelo fato de o número de transcrições não ser igualmente distribuído entre as faixas etárias. No entanto, e crucialmente, em nenhum momento o número de dados não composicionais ultrapassa o número de composicionais.

Tabela 5 - Composicionalidade semântica por faixa etária (*tokens*)

Faixa etária	Composicional	Não composicional	Total
1;07 - 2;00	233	39	272
2;01 - 2;06	368	11	379
2;07 - 3;00	351	17	368
3;01 - 3;06	499	51	550
3;07 - 4;00	403	28	431
4;01 - 4;06	468	18	486
4;07 - 5;00	306	32	338
Total Geral	2628	196	2824

Fonte: Elaboração própria

Por fim, são apresentados os valores semânticos registrados no *corpus* estudado, que foram selecionados a partir dos dados composicionais, uma vez que os não composicionais, por serem idiossincráticos, têm significados pouco previsíveis e que nem sempre estão relacionados a alguma avaliação por parte do falante. É importante ressaltar, além disso, que os valores semânticos registrados no *corpus* estão intimamente relacionados às categorias morfossintáticas mais frequentes no uso de diminutivos: nomes e adjetivos. Para os nomes, foram registrados os valores relacionados à dimensão do referente (tamanho) e à afetividade, como *bolinho* e *filhinho*, respectivamente. Para os adjetivos, por terem característica graduável (Kennedy; McNally, 2005; Quadros Gomes, 2008; 2011; Quadros Gomes; Delduque, 2019), o valor semântico de gradação representa tanto os usos intensificadores quanto amenizadores dos diminutivos, como *bonitinho* e *fortinho*, a depender do contexto de uso.

As Tabelas 6 e 7 mostram que, tanto na FI quanto na FDC, o valor semântico de afetividade foi o mais utilizado, mas os valores de gradação e tamanho apresentaram distribuição diferente pelos dois grupos: na FI, a semântica de gradação foi utilizada em mais diminutivos que a de tamanho, enquanto na FDC ocorreu o inverso. Ainda assim, ressalta-se que, em termos de porcentagem, esses são valores bastante próximos para os dois grupos.

Tabela 6 - Os valores semânticos dos diminutivos composicionais da FI (*types*)

Afetividade	Gradação	Tamanho	Total
221 (49,3%)	117 (26,1%)	110 (24,5%)	448 (100%)

Fonte: Elaboração própria

Tabela 7 - Os valores semânticos dos diminutivos composicionais da FDC (*types*)

Afetividade	Gradação	Tamanho	Total
459 (47%)	240 (24,5%)	277 (28,3%)	976 (100%)

Fonte: Elaboração própria

4. Considerações sobre os resultados

A composicionalidade semântica e a transparência morfológica caminham em paralelo na literatura linguística sobre formas complexas. Como discutido anteriormente e em Bassani e Costa (2024), nem sempre uma palavra formalmente transparente é semanticamente composicional. No entanto, como mostram os resultados do estudo aqui desenvolvido, a maior parte das palavras complexas formadas por diminutivos produzidas pelos participantes do *corpus* são formalmente transparentes e semanticamente composicionais. Nesse sentido, a produção de diminutivos com semântica não composicional, pelo menos no contexto de produção do *corpus* estudado, não é tão produtiva quanto a de semântica composicional.

Especialmente na FI, foi possível observar que, das cinco crianças que produziram diminutivos de semântica não composicional, as primeiras produções diminutivas foram composicionais (*cf.* Tabela 3). Para quatro delas, o diminutivo não composicional foi registrado algum tempo depois do primeiro composicional, ainda que a própria metodologia se imponha como uma barreira à discussão dos dados, pois não é possível ter acesso a toda a produção linguística das crianças, apenas aos recortes que compreendem as sessões de gravação do *corpus*.

Com base nesses resultados e considerações, a composicionalidade semântica não parece ser um parâmetro decisivo para a emergência da morfologia de diminutivos na FI, ainda que seja sugestiva de que o favorecimento da transparência formal característica dos diminutivos unida à composicionalidade semântica podem ser indicativos para a aquisição e emergência de palavras complexas na fala infantil.

Esta conclusão se alinha ao encontrado na literatura de aquisição de linguagem. Kempe, Brooks e Gillis (2007), por exemplo, mostram que os diminutivos podem servir de facilitadores

para a segmentação de palavras e para o reconhecimento de padrões linguísticos. A partir de evidências do holandês, os autores demonstram que a invariância do morfema de diminutivo em uma tarefa de segmentação de palavras com adultos aumentou o reconhecimento de padrões além da identificação de acento trocaico regular. A característica dos morfemas de diminutivo de serem tipicamente longos e salientes parece influenciar esses resultados.

Clark (2001) associa a aquisição tardia de alguns sufixos flexionais à complexidade tanto em sua forma quanto em seu significado. Por exemplo, em casos em que regras morfofonológicas se aplicam e os limites entre a base e o afixo não são transparentes, espera-se que a criança demore mais tempo para adquirir o morfema flexional. Por outro lado, como é comum na literatura de aquisição de morfologia, a discussão sobre a emergência tardia não parece se estender à emergência de morfemas derivacionais em Clark (2001). Segundo a autora,

Assim que as crianças aprendem mais palavras, armazenando-as na memória e produzindo-as elas mesmas, passam a analisar sua estrutura morfológica interna. Elas começam a identificar raízes e radicais dentro de palavras complexas, tanto em formas compostas quanto em formas derivadas, e simultaneamente isolam quaisquer afixos anexados a essas raízes (Clark, 2001, p. 385 – tradução nossa).¹⁰

Nesse sentido, à medida que as crianças são capazes de segmentar as palavras complexas do *input*, tornam-se mais atentas a padrões linguísticos recorrentes na FDC e reproduzem esses padrões em suas próprias produções. É o que parece acontecer nos dados anteriormente descritos, em que a alta produtividade, a transparência morfológica e a composicionalidade semântica dos diminutivos da FDC são um padrão recuperável na FI.

A discussão desenvolvida até aqui mostra que em dados como os de diminutivo não é possível tomar apenas uma variável (*i.e.*, composicionalidade semântica) como definidora dos padrões apresentados pelo *corpus*, pois o fato de a morfologia de diminutivo ser bastante produtiva e presente no *input* pode ter impacto na produção infantil. Como anteriormente registrado (*cf.* Tabela 4), a distribuição de diminutivos da FI é bastante próxima da FDC, ainda que esta última conte com quase o dobro de dados em relação à primeira. Essa semelhança pode ser considerada um indício de que a alta produção na FDC tem impactos na FI, pelo menos no que se refere à figura geral resultante da análise do *corpus*. Ainda, é necessário ressaltar que nenhum

¹⁰ No original: “As children learn more words, storing them in memory and producing them themselves, they come to analyze their internal morphological structure. They begin to identify roots and stems inside complex words, in both compound and derived forms, and simultaneously isolate any derivational affixes attached to those roots” (CLARK, 2001, p. 385).

estudo sobre a emergência da composicionalidade semântica foi registrado para o PB, de forma que essa é uma discussão apenas iniciada e que necessita de maior atenção para que as relações entre morfologia e semântica na aquisição da linguagem sejam explicitadas a contento.

Os dados composicionais do *corpus* trazem uma característica semântica bastante relacionada ao uso de diminutivos translinguisticamente, pois foram analisados em diferentes categorias: tamanho, afetividade e gradação. Não raro, os diminutivos são identificados na literatura linguística entre as construções avaliativas (cf. Villalva, 1994), para as quais Grandi e Körtvélyessy (2015, p. 9-10) organizam classes, da seguinte forma: (i) diminuição de quantidade ou qualidade; (ii) aumento de quantidade ou qualidade; (iii) variação de idade; (iv) aproximação/redução/atenuação; (v) intensificação; (vi) carinho; (vii) hipocorístico; (viii) expressão de posição social; (ix) desprezo; (x) autenticidade/prototipicidade. A partir dessa organização, é possível identificar semanticamente os diminutivos do *corpus* entre as classes (i), (iv), (v) e (vi), o que mostra que a semântica dos diminutivos do PB é bastante diversa.

A categoria semântica mais frequente tanto para a FDC quanto para a FI é a de afetividade, o que pode ser explicado, pelo menos nos dados da FDC, com base no conteúdo das interações entre crianças e adultos do *corpus*, que se dão em ambiente familiar, com pais, irmãos, avós, tios e primos das crianças-alvo da pesquisa. Savickienė e Dressler (2007, p. 4) descrevem os diminutivos como associados às semânticas de pequenez e carinho, das quais, a primeira é entendida como o significado básico desses morfemas e outras semânticas avaliativas a eles associadas são interpretadas como extensões pragmáticas desse significado.

No entanto, nem sempre os diminutivos são utilizados com os mesmos valores encontrados no *corpus* aqui analisado. É o caso, por exemplo de usos pejorativos encontrados na fala adulta, que não foram registrados na FDC do *corpus*, por hipótese, devido à característica familiar das interações. Além disso, para o russo, Protassova e Voeykova (2007, p. 49) relatam que os falantes nativos interpretam os diminutivos como muito expressivos, de forma que seu uso pode ser compreendido, por exemplo, como de mau gosto. Assim, a depender de circunstâncias culturais associadas ao uso dos diminutivos, as semânticas associadas a eles podem ter valores bastante distintos translinguisticamente.

O resultado obtido na observação geral do *corpus* indica que, no contexto de interação entre adultos e crianças, a semântica de afetividade, a referida extensão pragmática de Savickienė e Dressler (2007), é a principal para os diminutivos, o que mostra que tamanho não é a semântica característica dos diminutivos do *corpus*. Assim, uma hipótese que pode ser levantada é a de que a

criança adquire a semântica de afetividade e a reproduz em sua própria fala por influência do *input*, mas também o *input* se retroalimenta da fala da criança e reproduz seus padrões para incentivá-la a continuar o fluxo da interação. O exemplo abaixo, retirado da fala de Luana (2;09.17), ilustra essa dinâmica de reprodução de diminutivos para continuar o fluxo da interação na FDC e na FI.

- (8) Interação entre mãe e criança (Luana, 2;09.17)
- *MOT: a@i Luana vamo(s) pega(r) um *livrinho*@f p(a)ra contar *historinha*@f?
 - *CHI: xxx.
 - *CHI: vamo(s) conta(r) *historinha*@f.
 - *MOT: vamo(s) conta(r) *historinha*@f,, vamo(s)?
 - *CHI: essa aqui.

Na interação em (8), a mãe produz *livrinho* e *historinha*, ambos com semântica afetiva, a criança repete *historinha* e então ocorre a repetição da mãe, provavelmente para que a criança continue engajada na interação. Esse é um recurso utilizado pelos adultos com bastante frequência no *corpus*.

Além disso, Melzi e King (2003, p. 302) observam que a frequência de uso de diminutivos por um interlocutor (no caso, a criança) serve de predição para a frequência dessas formas na fala do outro interlocutor (no caso, o adulto), o que parece se confirmar no *corpus* observado uma vez que a porcentagem de formas diminutivas com a semântica de afetividade encontrada na FDC e na FI é bastante semelhante: 47% e 49,3%, respectivamente (*cf.* Tabelas 6 e 7).

Em resumo, a composicionalidade semântica não parece ser um parâmetro completo em si mesmo para a explicação dos resultados sobre a ordem de emergência de diminutivos composicionais e não composicionais na FI. Além dela, é necessário considerar a transparência formal e a produtividade desse processo de formação de palavras no PB, que estão refletidos na FDC. Outras questões, como o registro no qual a composição do *corpus* se insere (*i.e.*, ambiente familiar de interação entre adultos e crianças) e o acompanhamento mensal do desenvolvimento linguístico das crianças, são limitantes para a diversidade semântica encontrada no *corpus*, o que também torna a pesquisa em aquisição ou emergência de morfologia uma área de estudo desafiadora e, por isso, instigante.

5. Considerações finais

O presente artigo teve como objetivos descrever a emergência da semântica nos diminutivos da FI e discutir a composicionalidade semântica como um parâmetro relevante para a ordem de emergência de diminutivos composicionais e não composicionais. Para o primeiro objetivo, a descrição das categorias semânticas dos diminutivos mostrou que, apesar de serem participantes de uma organização translinguística encontrada na literatura, estão limitadas por questões relacionadas à construção do *corpus* linguístico de que derivam e pelos valores sociais atribuídos ao uso de diminutivos no PB e, mais especificamente, na FDC. Para o segundo objetivo, foi demonstrado que a composicionalidade semântica deve ser aliada à transparência morfológica e à produtividade da formação de diminutivos para que tenha poder explicativo dos padrões identificados nos dados.

Entende-se que a contribuição deste artigo é, ainda, pequena quando comparada à necessidade de estudos de aquisição de morfologia, principalmente por se voltar a questões relacionadas à interface morfossemântica. No entanto, devido à falta de discussões sobre a correlação entre a composicionalidade semântica e a transparência morfológica na literatura de aquisição do PB, o artigo se constitui como uma tentativa de iniciar a discussão sobre essa área de interface.

Como desdobramentos esperados para este estudo, tem-se como horizonte a produção de experimentos com crianças que permitam estimar em que momento se dá a emergência das propriedades semântico-pragmáticas associadas ao uso idiossincrático do diminutivo no PB. Considerar uma abordagem não dicotômica da composicionalidade semântica, como a adotada em Bassani e Costa (2024) e Costa (em preparação), pode trazer vantagens para o entendimento dos processos de aquisição morfo-semântico-pragmáticos da morfologia derivacional do PB. Além disso, expandir a análise a outros sufixos derivacionais produtivos no PB pode ampliar a discussão sobre a composicionalidade semântica na FI.

Por fim, e especificamente voltada às formas diminutivas composicionais, questiona-se em que momento a criança passa a ter consciência das possíveis semânticas do diminutivo, um estudo com potencial para gerar questionamentos tanto metodológicos quanto empíricos sobre a pesquisa em aquisição de linguagem na atualidade.

Agradecimentos

Agradeço o financiamento da pesquisa pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES – processos nº 88887.597527/2021-00 e 88887.922025/2023-00) e pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP – processo nº 2020/11133-5). Agradeço, também, a disponibilização dos dados pela Prof.^a Dr.^a Raquel Santana Santos no âmbito do Projeto de Formação do Banco de Dados de Linguagem Infantil para o estudo da morfologia e do léxico e integração ao Consórcio de Dados de Fala Infantil (FAPESP – processo nº 2021/08760-0), coordenado pela Prof.^a Dr.^a Indaiá de Santana Bassani. Por fim, agradeço às contribuições e reflexões de dois avaliadores anônimos para a sofisticação de algumas partes deste trabalho. Quaisquer incoerências remanescentes permanecem sob minha responsabilidade.

Referências

- ANTHONY, L. AntConc. (Versão 3.5.8). [Computer Software]. Tokyo, Japão: Waseda University, 2019. Disponível em: <https://www.laurenceanthony.net/software/antconc/>. Acesso em: 04 mai. 2022.
- ARMELIN, P R. G. A Relação entre Gênero e Morfologia Avaliativa nos Nominais do Português Brasileiro: Uma abordagem sintática da formação de palavras. 2015. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.
- BASSANI, I. de S. Transparência morfológica, composicionalidade semântica e reanálise estrutural em verbos do português. *Revista Letras*, [S.1], v. 01, 2015. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/39844>. Acesso em: 04 mai. 2022.
- BASSANI, I. de S; COSTA, M. N. Indicativos linguísticos para aferir composicionalidade semântica em palavras complexas: Linguistic indicators to assess semantic compositionality in complex words. *Revista do GEL*, [S. l.], v. 21, n. 1, p. 11–35, 2024. DOI: 10.21165/gel.v21i1.3713. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/rg/article/view/3713>. Acesso em: 2 out. 2024.
- BISOL, L. O Diminutivo e suas Demandas. *DELTA*, São Paulo, v. 26, n. 1, 2010, p. 59-85.
- BOYSSON-BARDIES, B. *How Language Comes to Children: From Birth to Two Years*. Cambridge, MA: MIT Press, 1999.
- CLARK, Eve. Morphology in Language Acquisition. In: SPENCER, A.; ZWICKY, A. M. (Eds.). *The Handbook of Morphology*. Oxford: Blackwell, p. 374-389, 2001.
- COSTA, M. N. A emergência da morfologia de diminutivo no português brasileiro e o estatuto de -inh- e -zinh-. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de São Paulo, 2022.
- COSTA, M. N. A composicionalidade semântica de palavras complexas sob a perspectiva teórica da Morfologia Distribuída (Título provisório), em preparação.
- GOMES, C. A; BARBOSA, M. F. M. Aquisição de palavras complexas no português brasileiro: a

emergência de morfologia derivacional na fala infantil. *Cadernos do CNLF*, 2014, p. 203-218. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xviii_cnlf/cnlf/02/014.pdf. Acesso em 04 jul. 2024.

GRANDI, N.; KÖRTVÉLYESSY, L. Introduction: why evaluative morphology? In: GRANDI, N.; KÖRTVÉLYESSY, L. *Edinburgh Handbook of Evaluative Morphology*. Edinburgh University Press, 2015, p. 3-20.

JURAFSKY, D. Universal Tendencies in the Semantics of the Diminutive. *Language*, v. 72, n. 3, 1996, p. 533-578. Available at: <https://www.jstor.org/stable/416278>. Access 04 jul. 2024.

KEMPE, V.; BROOKS, P. J.; GILLIS, S. Diminutives provide multiple benefits for language acquisition. In: SAVICKIENĚ, I.; DRESSLER, W. U. (Eds.). *The acquisition of diminutives: a cross-linguistic perspective*. *Language Acquisition & Language Disorders*. v. 43. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2007, p. 319-342.

KENNEDY, C.; MCNALLY, L. Scale structure, degree modification, and the semantics of gradable predicates. *Language*, 81, 2005, p. 345-381.

LAKOFF, G. *Women, fire, and dangerous things: What categories reveal about the mind*. University of Chicago press, 2008.

MARRERO, V.; AGUIRRE, C.; ALBALÁ, M. J. The acquisition of diminutives in Spanish: A useful device. In: SAVICKIENĚ, I.; DRESSLER, W. U. (Eds.). *The acquisition of diminutives: a cross-linguistic perspective*. *Language Acquisition & Language Disorders*. v. 43. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2007, p. 155-181.

QUADROS GOMES, A. P.; DELDUQUE, J. dos S. Um estudo sobre o licenciamento e a interpretação de ‘pouco’ em português do Brasil (PB) / A survey on the licensing and the readings of “pouco” in Brazilian Portuguese (BP). *Revista de Estudos da Linguagem*, [S.l.], v. 27, n. 3, 2019, p. 1489-1530. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/14868>. Acesso em: 04 jul. 2024.

QUADROS GOMES, A. P. The Structure of Gradable Adjectives in Brazilian Portuguese. In: LIMA, S. (Ed.) *Proceedings of Sula V: Semantics of Under-Represented Languages in the Americas*. UMOP 41. Amherst, Massachusetts, USA: GLSA (Graduate Linguistics Students Association) / Department of Linguistics / South College University of Massachusetts, 2011, p. 49-66.

QUADROS GOMES, A. P. Tipos de Adjetivo em PB. Trabalho apresentado no I Simelp: Simpósio Internacional de Estudos de Língua Portuguesa – SLP 36. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008. Disponível em: https://dlcv.fflch.usp.br/sites/dlcv.fflch.usp.br/files/01_26.pdf. Acesso em: 04 jul. 2024.

SAVICKIENĚ, I.; DRESSLER, W. U. Introduction. In: SAVICKIENĚ, I.; DRESSLER, W. U. (Eds.). *The acquisition of diminutives: a cross-linguistic perspective*. *Language Acquisition & Language Disorders*. v. 43. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2007, p. 1-12.

VILLALVA, A. *Estruturas Morfológicas: Unidades e Hierarquias nas Palavras do Português*. Tese (doutorado). Lisboa: Universidade de Lisboa, 1994. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/325595793_Estruturas_Morfológicas_Unidades_e_Hierarquias_nas_Palavras_do_Portugues. Acesso em: 29 nov. 2022.